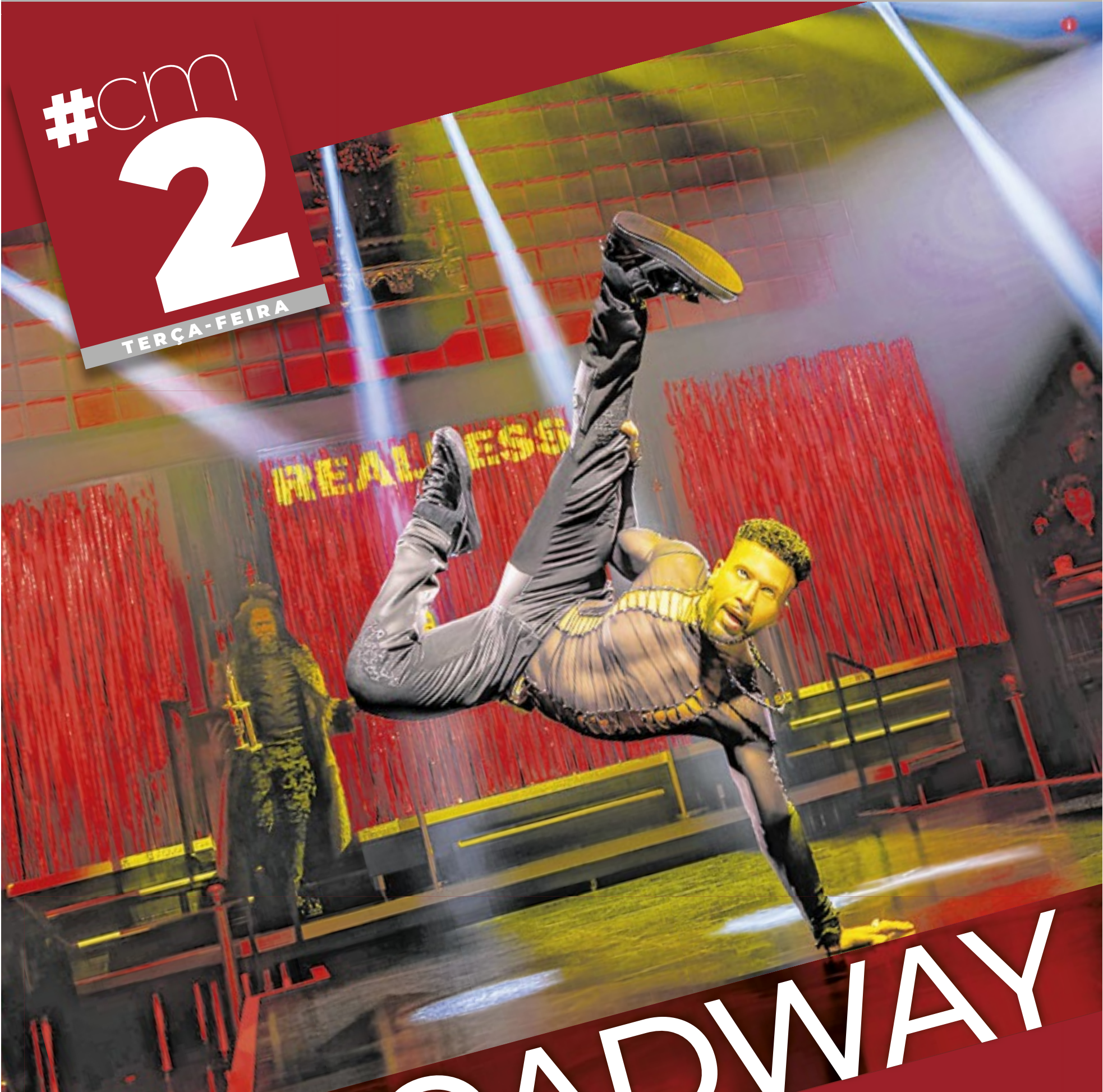


#cm
2
TERÇA-FEIRA



A BROADWAY batendo um bolão

Às vésperas da realização da final da Copa do Mundo em Nova York, Rodrigo Fonseca lança seu olhar sobre a temporada dos musicais da Broadway, que neste semestre vai levar alguns astros de Hollywood aos palcos. Página 2

As novas encantarias da Rua Larga

Astros de peso do cinema ocupam os teatros da Broadway, de julho até o fim de ano, com a promessa de um segundo semestre de bilheterias quentes

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A temporada 2026 da Broadway entra em sua segunda metade sob a influência direta do Tony Awards, considerado o Oscar do teatro americano. Os três maiores vencedores da cerimônia deste ano ainda podem ser vistos em Nova York: “Schmigadoon!”, eleito Melhor Musical; a retomada de “A Morte de um Caixeiro Viajante”, com Nathan Lane, escolhido Melhor Revival de Peça e vencedor de seis Tonys, incluindo direção para Joe Mantello; e “Ragtime”, premiado como Melhor Resgate de Musical.

O efeito da premiação já se reflete na bilheteria, que impulsiona produções laureadas ao mesmo tempo em que abre espaço para uma sequência de estreias estreladas até o fim do ano.

Curiosamente, julho será um mês de transição. Nenhuma potencial coqueluche terá estreia oficial na Broadway ao longo do mês, mas o circuito vive intensa movimentação com as últimas semanas de diversas montagens de sucesso.

Encerram temporada “Dog Day Afternoon”, no August Wilson Theatre (12/7), a releitura do filme “Um Dia De Cão” (1975), com Jon Bernthal no papel de Al Pacino; “Proof”, no Booth Theatre (19/7); e “Joe Turner’s Come and Gone”, no Ethel Barrymore Theatre (26/7). Além deles, temos “Death of a Salesman” e “Every Brilliant Thing”, ambos em cartaz até 9 de agosto no Winter Garden Theatre e no Hudson Theatre, respectivamente.

Entre os espetáculos mais disputados da Broadway neste momento, “Hamilton” continua absoluto nas vendas, seguido por “The Lion King”. A lista dos maiores sucessos comerciais também inclui “Death of a Salesman”, “MJ The Musical”, “Giant”, a comédia “Oh, Mary!”, “Ragtime”, “Harry Potter and the Cursed Child”, “The Lost Boys, A New Musical” e “Every Brilliant Thing”, confirmando uma temporada em que clássicos convivem com produções inéditas e adaptações de grande apelo popular.

Entre os fenômenos recentes, “Schmigadoon!” ganhou novo fôlego após conquistar o Tony de



‘Cats: The Jellicle Ball’ transformou a clássica obra de Andrew Lloyd Webber numa celebração da cultura ballroom e drag



Laurie Metcalf e Nathan Lane são o casal Loman em ‘A Morte de Um Caixeiro Viajante’



‘Dog Day Afternoon’, releitura do filme ‘Um Dia De Cão’ (1975), com Jon Bernthal no papel de Al Pacino



‘The Lost Boys’ é a versão para os palcos do longa de Joel Schumacher com Kiefer Sutherland de vampiro

Melhor Musical, enquanto “Cats: The Jellicle Ball” transformou a clássica obra de Andrew Lloyd Webber numa celebração da cultura

ballroom e drag, rendendo prêmios de direção, coreografia e figurino. Já “The Lost Boys, A New Musical”, adaptação do filme cult de vampi-

ros com Kiefer Sutherland, consolidou-se como uma das novidades mais comentadas do ano, impulsionado pelo reconhecimento obtido

no Tony.

A partir de agosto, a Broadway volta a receber estreias para sacudir o segundo semestre. O primeiro grande lançamento será “Paranormal Activity: A New Story Live on Broadway”, que inicia prévias em 14 de agosto no Booth Theatre e estreia oficialmente em 25 de agosto. Em setembro chegam “School Girls; Or, The African Mean Girls Play”, no Samuel J. Friedman Theatre, e prévias de “Other Desert Cities”, que reunirá Julia Louis-Dreyfus, Ed Harris, Allison Janney, Joe Keery e Lily Rabe. Sua trama se passa na véspera de Natal, numa casa ensolarada de Palm Springs, pertencente a uma família com ligações políticas. O local se transforma em um campo de batalha de memórias, lealdade e legado quando uma filha retorna com um livro de memórias e o poder de revelar a verdade explosiva que eles mantiveram em segredo. Com perspicácia cortante e humor afiado, eles desenterram velhas feridas e segredos há muito enterrados. À medida que o passado ganha contornos, a questão não é apenas o que aconteceu, mas a quem pertence a história da família e qual é o custo de contá-la.

Outubro promete uma verdadeira concentração de estrelas. Billy Crystal retorna aos palcos com “860”; Bradley Whitford e Tom Blyth protagonizam “A Few Good Men”, adaptação do texto de Aaron Sorkin que virou o longa “Uma Questão De Honra” (1992); o novo musical “Wanted” revive a história das irmãs Mary e Martha Clarke; e “The Fantasticks”, o musical de maior longevidade da História, finalmente ganha sua primeira montagem na Broadway.

O mês de novembro será dominado por grandes nomes do cinema. Tom Hiddleston e Hayley Atwell encabeçam uma nova leitura de “Much Ado About Nothing” (o shakespeariano “Muito Barulho Por Nada”), dirigida por Jamie Lloyd, enquanto Rosamund Pike estreia na Broadway em “Inter Alia”, transferido diretamente do circuito londrino. No mesmo período, Raúl Esparza assume o papel-título de “Galileo”, novo musical inspirado na trajetória do cientista italiano.

Até o encerramento da temporada ainda são aguardadas produções de grande porte como “The Imaginary Invalid”, estrelada por Bill Irwin; “Dolly: An Original Musical”, dedicado à trajetória de Dolly Parton; e a primeira remontagem em décadas de “Dreamgirls”, um dos musicais mais premiados da história recente da Broadway. Sua transposição para as telas deu um Globo de Ouro a Eddie Murphy.

Depois de um primeiro semestre marcado pelo impacto do Tony Awards, a expectativa em Nova York é de que o segundo mantenha os teatros lotados graças à combinação de grandes astros, adaptações populares e montagens capazes de disputar desde já espaço entre os favoritos da premiação de 2027.



Claes Bang em 'William Tell', um épico sobre intolerância

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Robin Hood ganhou, faz pouco, uma versão repaginada nos cinemas, com Hugh Jackman num visual maltrapilho, para explorar o herói em fase crepuscular. Nos quadrinhos dos EUA, a saga "Absolute Green Arrow", da DC Comics, também evoca essa figura, transformando o Arqueiro Verde numa espécie de serial killer do Bem, como um Dexter. Em paralelo ao mito do Robin do Bosque, que roubava ricos para matar a fome dos pobres, a Europa imortalizou outras lendas heroicas de flecha na mão, habitualmente associadas à narrativa de formação de seus estados nacionais.

Esse é o caso do besteirol William Tell, que ganhou fama a partir de 1474. Suas ações costumam ser sintetizadas num desafio de vida ou morte: acertar uma maçã na cabeça de seu filho, com uma flecha de caça, como um teste de aptidão de sua mira. Houve até série de TV (a

Baixa o arco, Robin Hood, que Guilherme Tell chegou

Cavaleiro cruzado que defendeu sua Suíça natal no século XIV ganha versão para as telas com Claes Bang, já disponível na Prime Video, e marcada por sequências de ação febris

franco-inglesa "Crossbow", de 1987 a 1989) sobre esse cavaleiro cruzado que desafiou o jugo austríaco sobre a Suíça do século XIV. Foi o dra-

maturgo alemão Friedrich Schiller (1759-1805) que consagrou Tell como um signo de liberdade, a partir de uma peça teatral com seu

nome, de 1804.

Essa narrativa inspirou o cineasta irlandês Nick Hamm a adaptar as peripécias do às da besta e do quadrolo

de mão para a telona numa produção metade helvética, metade britânica, orçada em US\$ 45 milhões. Claes Bang é seu protagonista.

"William Tell – O Guerreiro" acaba de estrear na Prime Video da Amazon. Não teve vez nas telas, apesar da presença do astro dinamarquês que brilhou em "The Square" (Palma de Ouro de 2017) e viveu Drácula numa minissérie da Netflix.

O carisma de Claes é essencial para o desenho dramático do roteiro e filmado por Hamm numa linha épica. Parece mais "Braveheart" (1995), de Mel Gibson, do que uma longa-metragem de capa & espada convencional. O foco está na criação da identidade do povo da Suíça – país coprodutor do projeto, que se apoia na austera banda sonora de Steven Price. A direção de fotografia dionisíaco de Jamie D. Ramsay escora com eficácia o espírito de saga esboçado no argumento e buscado na realização.

A trama viaja no tempo até o ano de 1307, onde a Suíça é uma província sob o domínio da casa real austríaca, do clã Habsburgos. O povo suíço está ressentido com essa ocupação estrangeira e uma rebelião está a se formar, especialmente porque soldados dos líderes políticos maltratam a população à vontade. Alguns nobres suíços, como Rudenz de Attinghausen e Werner Stauffacher, tentam manter boas relações com os Habsburgos, seja por interesse próprio, medo de retaliação ou, no caso de Rudenz, por seu amor por Bertha, sobrinha de Albert, que se ressentia da tirania de seu tio.

Tell é o habitante local com destreza em combate suficiente para reagir. Reluta, por devoção à sua família, mas o chamado da guerra vai conspurcar sua quietude, o que rende um espetáculo eletrizante. O carisma de Claes faz de Tell um personagem inquietante, repleto de conflitos. Não por acaso, o Festival de Toronto foi a plataforma de estreia da fita.

‘Bergmaniando’ na grade da MUBI

Plataforma celebra aniversário do realizador sueco três títulos fundamentais de sua filmografia

Entre 1946, com o lançamento de "Crise", e 2003, quando o tele-drama "Saraband" começou a circular por TVs e cineclubes, a indústria audiovisual deitou-se num divã para um trabalho de análise da moral, da fé e do amor apoiado numa troca simbólica com o diretor que pôs dilemas do espírito no centro da câmera: Ingmar Bergman (1918-2007). Em 14 de julho, o artesão

autoral sueco completaria 108 anos.

Para celebrar seu legado de mestre, a MUBI reúne três títulos essenciais de sua trajetória: "O Sétimo Selo" (1957), "Persona" (1966) e "Gritos e Sussurros" (1972). Eles já estão na grade da plataforma. Abrangendo diferentes momentos de sua carreira, esses filmes revelam a amplitude de uma obra marcada pela inquietação filosófica, experi-



MUBI celebra os 108 anos de Ingmar Bergman exibindo marcos de sua obra

mentação formal e uma profunda investigação das complexidades da experiência humana. Mais de meio

século depois de sua realização, permanecem como referências incontornáveis para cineastas e espectadores ao redor do mundo.

Numa queda de braço com nosso superego, na triagem das neuroses que levam à brutalidade e ao desamor, Bergman rodou 65 filmes, sem contar as práticas com teatro filmado que fez para a televisão escandinava. "Morangos Silvestres" (1957) é um deles. Laureado com o Urso de Ouro do Festival de Berlim, o longa-metragem representa um momento de ascensão de uma obra considerada por muitos a mais balanceada que arte cinematográfica já viu. Para muitas cabeças da crítica, Bergman foi o diretor dos diretores.

Seus filmes se preocupam em discutir a finitude, presença de Deus, a agonia do existir, solidão, a fragilidade das convenções sociais e as incongruências da vida a dois.

Deste último tema, ele extraiu um fenômeno midiático: "Cenas de um Casamento", minissérie de TV, também editada como filme, que fez aumentar o número de divórcios em território escandinavo na época de seu lançamento, em 1973. O cineasta ganhou um Globo de Ouro pela empreitada, uma das muitas honrarias douradas em seu currículo. Filho de um pastor protestante, nascido em Uppsala (a 70km a norte de Estocolmo), o diretor – que teve seu primeiro acesso a um projetor de imagens ainda menino, trocando uma dezena de soldadinhos de chumbo com seu irmão por aquela "lanterna mágica" – ganhou um Oscar honorário (o Irving G. Thalberg, dado em 1971), o Leão de Ouro Especial do Festival de Veneza, em 1971, e a Palma das Palmas do Festival de Cannes, em 1997. (R. F.)



Divulgação

Mauro Marcondes, cantor e compositor que largou o mundo corporativo para assinar um contrato vitalício com a canção popular

A música se despede de Mauro Marcondes

Cantor e compositor carioca abdicou de postos de poder para dedicar-se integralmente à MPB

AFFONSO NUNES

Família, amigos e representantes da classe artística se despediram neste domingo (12) de Mauro Marcondes Rodrigues, cantor e compositor carioca que morreu na sexta-feira aos 72 anos. Sua morte encerra uma trajetória de recomeço. Sua vocação artística foi “abafada” por

décadas por uma bem sucedida trajetória como executivo e gestor público, até que um dia ele passou a dedicar-se integralmente à música. E que bom que isso aconteceu!

Nascido em 1º de outubro de 1953, criado em Copacabana ouvindo bossa-nova e MPB, Marcondes começou cedo. Aos 17 anos, em 1971, foi o compositor mais jovem a participar do IV Festival Universitário da TV Tupi, concorrendo com Belchior (que venceu com “Na Hora do Almoço”) e Alceu Valença.

Participou do Festival de Costa a Costa no Uruguai em 1972. Em 1980, sua música “Como se Fosse” (parceria com Caito Spina) foi classificada no Festival MPB-80 da Rede Globo, com arranjo da maestrina Célia Vaz e defendida pela cantora baiana Jace.

Mas a vida o puxou para outro lado. Formou-se em Química pela UFRJ, pós-graduou-se em Economia pela Unicamp, e ascendeu aos postos mais altos da

“Como eu fiquei afastado muito tempo da cena musical, tenho um grande desafio de construir meu público com método e tranquilidade”

MAURO MARCONDES

administração pública: presidente da Finep, diretor do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em Washington (EUA) e secretário de Planejamento do Ministério do Planejamento, entre outros cargos. Durante décadas, compôs esporadicamente. Gravou álbuns como “Perfil de Sal” (2003) e “Mar Azul” (2005, nos EUA). Mas era música de quem tinha outras prioridades.

Quando retornou em 2014, aos 61 anos, decidiu acordar aquela música adormecida. Reencontrou o poeta Zéjorge e iniciou uma parceria que resultaria em “Cantoria de Bazar” (2017),

lançado no Blue Note Rio — um álbum que funciona como homenagem a Guimarães Rosa.

A partir de então, produziu com regularidade impressionante. Em 2023, lançou “Canções Urbanas”, seu quarto álbum, resultado das influências musicais e experiências de vida em metrópoles, com toda a diversidade urbanística, cultural e humana. Em 2025, aos 71 anos, apresentou “O Tempo e o Amor”, seu quinto e último álbum, concebido para cantar o amor em diferentes tempos. O álbum traz participações especiais dos cantores Áurea Martins (em “Bolero

da Solidão”) e João Cavalcanti (em “O que já foi não é”), além das vozes de Masé Sant’Anna e Soraya Nunes. O repertório é diverso — canções, bossas, baladas, sambas, choros, valsas, boleros — refletindo o compromisso de Marcondes com a diversidade da nossa canção popular.

As parcerias deste trabalho revelam a rede de apoio que Marcondes construiu: Caito Spina (seu compadre e parceiro de juventude), Zéjorge (seu parceiro mais constante nos últimos anos), Paulo César Feital (parceiro de toda uma vida), além de André Lacerda, Gustavo Baião e Sérgio Pachá.

Marcondes tinha clareza sobre seu lugar no como artista no mercado. “Como eu fiquei afastado muito tempo da cena musical, tenho um grande desafio de construir meu público com método e tranquilidade”. Focou em produção de conteúdo para redes sociais, gravando sempre com músicos de qualidade, garantindo bons arranjos. Lançou singles como “Love Forecast” (com Leila Maria) e “Além do Cais” (com Leandro Braga). Expandiu-se para o audiovisual, gravando vídeos que faziam de seus lançamentos álbuns visuais.

Era melodista de harmonias cuidadosas. Construiu uma obra marcada pela sofisticação, mas compreensíveis ao público. Suas influências eram vastas: Tom Jobim, Vinícius de Moraes, João Gilberto, Edu Lobo, Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Ivan Lins, Dori Caymmi, João Bosco. Também absorvia blues americano, maestros como Claus Ogerman e Ennio Morricone, música de protesto latina (Daniel Viglietti, Zitarrosa, Mercedes Sosa, Violeta Parra) e o cantautor uruguaio Jorge Drexler. “Não há limite para o meu espírito absorver coisas belas”, dizia.

Quando perguntado o que dizia para quem queria trilhar carreira musical, respondeu com a síntese de sua própria vida: “O importante é reunir talento com profissionalismo. Se possível busque sempre estar rodeado de bons profissionais que vão agregar valor ao seu trabalho. Busquem sempre a melhor qualidade, seja no conteúdo do seu trabalho, mas no material para divulgação”.

O que o deixava mais feliz? “Quando um show termina bem e o público sai com gosto de quero mais”. O que o deixava triste? “Conhecer tantos talentos musicais subaproveitados ou não podendo viver da sua arte”. Sua própria trajetória era uma resposta a essa tristeza: aos 61 anos, livre das obrigações burocráticas, escolheu viver da sua arte e assinou contrato vitalício com a música. Deixa dois filhos: Cristiano e Bernardo, este último também músico e residente nos EUA.

Pedra que muito se muda não cria limo

Rolling Stones não deita na fama e explora diferentes ritmos em 'Foreign Tongues', o mais novo álbum da longa banda

AFFONSO NUNES

Esses versos famosos na voz de Alcione resumem um dos lançamentos fonográficos mais aguardados do ano e que não são de samba. Estamos falando de "Foreign Tongues", o mais novo álbum dos Rolling Stones lançado neste fim de semana. Gravado durante um período excepcionalmente criativo da veteraníssima banda britânica, o disco tornou-se realidade após um mês de gravações no Metropolis Studios, no oeste de Londres, período em que Mick Jagger, Keith Richards e Ronnie Wood se juntaram novamente ao produtor Andrew Watt, que também trabalhou com a banda em "Hackney Diamonds" (2023).

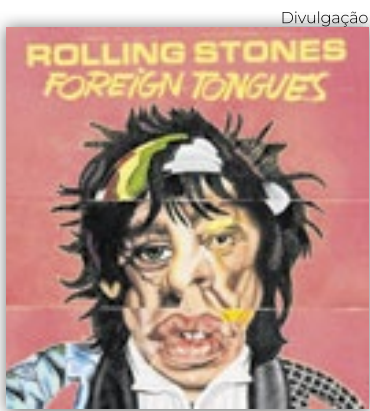
O resultado é um álbum dinâmico e voltado para o futuro, que capta o som inconfundível da banda e avança por novos territórios em música e letras, o que é sempre uma agradável surpresa ao se tratar de uma banda presente no mainstream há mais de 60 anos.

"Foreign Tongues" reúne novamente os músicos Darryl Jones (baixo), Matt Clifford (teclados) e Steve Jordan (bateria), que tocam os Stones nas apresentações ao vivo. A novidade afetiva é a faixa inédita "Hit Me In The Head", com a bateria executada por Charlie Watts, gravada durante uma de suas últimas sessões de estúdio antes de seu falecimento, em 24 de agosto de 2021. "Gravamos essa em Los Angeles com o Charlie, e é bem rápida, tipo punk rock", disse Jagger. "É uma música super rápida e ele tocou muito bem", recorda Jagger.

Steve Winwood, Paul McCartney, Robert Smith (The



Mick Jagger, Keith Richards e Ron Wood concluíram o álbum após um mês de estúdio



Divulgação

“Não estamos presos a um estilo específico; ao longo dos anos, amamos todos os tipos de música. Então, expressamos isso na maneira como gravamos e nas músicas que compomos”

MICK JAGGER

Cure) e Chad Smith (Red Hot Chili Peppers) são os convidados especiais do álbum. Segundo Jagger, a contribuição do Beatle nasceu de algo gravado durante as sessões do álbum anterior, que não foi aproveitado na ocasião. “Não havia intimidação nenhuma com o Paul. Ele só queria tocar com a banda; queria riscar esse item da lista. Ele estava tipo, ‘Finalmente, posso dizer que toquei com os Rolling Stones’”, brincou Richards.

Diferentemente de “Hackney Diamonds”, que se estendeu por anos de gravações esporádicas, “Foreign Tongues” nasceu como uma rajada criativa. “Quando começamos, The Stones era uma banda de blues. Brian [Jones] era um verdadeiro purista, mas não acho que Keith e eu fomos assim... Amáva-

mos o blues, mas sempre gostamos de todo tipo de música pop”, disse Jagger em entrevistas recentes nas quais reafirmou o gosto pelo experimentalismo.

O álbum também inclui uma versão de “You Know I’m No Good”, um clássico de Amy Winehouse. “Acho que faz parte da leve britanidade disso. Dez das faixas [do álbum] foram gravadas em Londres... Fizemos praticamente o arranjo dela. A mesma tonalidade – e fiz a parte de trompete no harmônica, o que foi divertido porque é sempre divertido tocar harmônica em tonalidade menor.”

O curioso de “Foreign Tongues” é sua reflexão política, algo em sempre presente na longa trajetória da banda, uma testemunha da história nas últimas seis décadas. Um desses momentos é o country “Ringing Hol-

low”. “O sonho americano segue intacto para algumas pessoas, e tenho certeza de que podemos encontrar algumas histórias maravilhosas de imigrantes que aconteceram nos últimos 12 meses, mas não é a mesma coisa, mas há muitas questões sobre excessos imperiais”, dispara Keith Richards.

A recepção crítica internacional para “Foreign Tongues” foi positiva. No agregador Metacritic, o álbum recebeu 78 em 100 — “críticas geralmente favoráveis”. Publicações como Rolling Stone, The Guardian e Los Angeles Times destacaram a capacidade da banda de renovar seu som. O Los Angeles Times descreveu “Foreign Tongues” como “o álbum mais engraçado dos Rolling Stones em décadas”. Críticos também notaram que o disco continua a trajetória de “Hackney Diamonds”,

consolidando uma fase criativa que poucos esperavam.

“O que eu acho interessante neste disco é que, às vezes, você diz: ‘Vocês não têm nada a provar’, mas os Stones são uma banda de rock, mas também têm a capacidade de fazer baladas, música country e música dançante; eles transitam por todos esses estilos”, destacou Jagger. “Não estamos presos a um estilo específico; ao longo dos anos, amamos todos os tipos de música. Então, expressamos isso na maneira como gravamos e nas músicas que compomos”, completou.

Sobre o futuro, a banda adota um tom cauteloso. Jagger mencionou que não há shows previstos para este ano, mas expressou esperança em turnês para 2027. “Keith não conseguiu se comprometer, e ele não estava se sentindo tão bem sobre turnês e tudo mais”, respondeu sobre não ter agenda para este ano.

Os Stones tocaram pela última vez no Reino Unido em 2022, com dois grandes shows no BST Hyde Park, seguidos por um show no estádio de Anfield, em Liverpool. Mais tarde, foi divulgado que eles planejavam fazer uma turnê em 2025, mas esses planos foram posteriormente cancelados.

LINHAS DE FUGA

por ERIK DE CASTRO*



Cartaz de Epic, biopic de Elvis Presley

Elvis, épico, 'In Concert'

Choro e rio toda vez que o vejo. Sua voz um petardo. Sua alma, só Luz. Seu talento, inigualável. Voz, jeito, molejo, instinto, gêneros diversos, todos praticamente: Do country ao folk. Do R&B, pro Soul, pro Gospel, pro Rock N' Roll, baladas... The King of Rock. The Lady's Man. Beijos na boca a mil, a rodo. Ninguém beijou tanta fã ao vivo quanto Elvis. Desavergonhadamente. Despudoradamente. Várias, bem na frente dos olhares de seus maridos e namorados, admirados como elas, provavelmente pensando: se eu fosse uma delas, faria o mesmo... Ele pode! Elvis, o pacote completo: de beleza, potência, talento e elegância. E VOZ. Ninguém foi como Ele. Long live the King! O Deus do Rock n' Roll: Ele foi o meu primeiro contato com a verdadeira Arte, quando ouvi um compacto de minha mãe em casa, em 1977, então eu, com 5 pra 6 anos: "Love me Tender"... "Suspicious Minds"... "It's Now or Never"... "Are You Lonesome Tonight?" Duas faixas de cada lado, num pequeno vinil de capa branca de papelão. Amor à primeira audição. Elvis o culpado Mor! Minha primeira inspiração. Meu primeiro Amor à Arte. Arte. Razão do meu viver. E do meu sofrer. Vivo Artista. Sofro Artista. Morrerei Artista. Como Ele, que deu tudo, em Vida, por todos nós. Eterno... Permanece. Nos corações de quem ficou. Tá triste? Uma hora de Elvis e passa! Uma hora, trinta e seis minutos e quarenta e um segundos para ser preciso: "Epic: Elvis in Conceer", de Baz Luhrmann. A maior produção audiovisual sobre o Rei jamais feita. Sem efeitos, sem IA. Apenas dois gênios de carne, osso e alma, de mãos dadas: Baz e Elvis. Elvis e Baz. Que casal maravilhosos! Tô com ciúmes, Elvis... Mas reconheço: o amor de vocês dois, foi feito maravilhosamente bem... E já gerou dois filhos, até agora... Que os Deuses da Arte abençoem esse belo casal!

***Cineasta**



João Bosco é o grande homenageado na edição desta terça do Sem Censura

Clube dos oitentões da MPB recebe a filiação de João Bosco

O consagrado cantor e compositor mineiro junta-se à ilustre companhia de Chico, Caetano, Gil, Bethânia, Ivan Lins e Milton

AFFONSO NUNES

O clube dos grandes nomes da MPB que chegaram aos 80 anos de vida acaba de ganhar mais um membro ilustre. Com oito décadas completadas no último domingo (12), João Bosco será homenageado ao vivo na edição desta terça-feira do programa Sem Censura (TV Brasil). O cantor e compositor mineiro pavimentou uma carreira de mais de cinco décadas pautada pela genialidade e sofisticação musical. “A música me deu tudo: me trouxe pessoas, histórias e momentos”, comentou o artista em entrevista ao JC Uol às vésperas de seu aniversário. Desde menino, ele demonstrava interesse por música. “Minha irmã tocava piano e percebi que eu gostava de ficar mexendo no violão verde. Eu ficava colocando os dedos e ela viu que eu tinha interesse. Minha vida musical começou ali”, relembra. Antes de se dedicar exclusivamente à música, Bosco era engenheiro civil formado pela Universidade de Ouro Preto. Durante seus

anos de estudante, era fã inveterado do jazz de Miles Davis e da bossa nova de João Gilberto e Tom Jobim. Foi também na universidade que conheceu o poeta Vinicius de Moraes, cujas influências marcariam sua trajetória. Ao se mudar para o Rio, abandonou a engenharia para perseguir a música. Sua estreia em disco, em 1972, já apresentava ao grande público um artista notável. O jornal alternativo O Pasquim lançava uma série de compactos inovadora chamada “Disco de Bolso”, vendida em bancas de jornal, que trazia um artista consagrado no lado A e um novato no lado B. No primeiro volume, Tom Jobim gravou “Águas de Março” — que se tornaria um dos maiores clássicos da música brasileira — enquanto João Bosco apresentava “Agnus Sei”, sua primeira gravação. O projeto, produzido por Sérgio Ricardo, foi um sucesso de público e crítica, abrindo as portas para o que viria a ser uma carreira de parcerias memoráveis. Mas foi a parceria com o letrista carioca Aldir Blanc (1946-2020) que consolidou o nome de Bosco na história da MPB. Juntos, criaram sucessos como “O Bêbado e a Equi-

librista” é apenas um dos clássicos que marcaram época. A parceria produziu pérolas como “Dois Pra Lá Dois Pra Cá”, “Corsário” e “Bala com Bala”, todas essas canções imortalizadas pela voz de Elis Regina. Enquanto Aldir derramava sensibilidade em seus versos, João Bosco entregava complexidade harmônica em suas melodias. Dono de uma das batidas de violão mais célebres da MPB, João Bosco conquistou o grande público tanto em seus álbuns quanto em apresentações ao vivo. Ao longo dos anos, lançou álbuns que se tornaram referência: de “João Bosco” (1973) e “Caça a Raposa” (1975) até trabalhos mais recentes como “Relicário” (2023) e “Boca Cheia de Frutas” (2024), além do álbum colaborativo “Corsário and Guests” (2025). Em 2017, recebeu homenagem pela excelência musical da Academia Latina de Gravação, reconhecimento que coroava uma carreira já repleta de indicações ao Grammy Latino. Nos últimos anos, Bosco reinventou sua trajetória ao lado do filho Francisco, mantendo a mesma exigência estética que o caracteriza desde o início. Em 2020, em parceria com o filho, conquistou o Grammy Latino de Melhor Canção em Língua Portuguesa. Levantamento do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad) confirma que o repertório de João Bosco permanece entre os mais tocados da música brasileira mesmo na era das plataformas digitais de música.

Destaque no Festival de Curitiba, espetáculo mineiro 'Doce Árido' leva ao palco a fragilidade das relações familiares no interior

Abismos geracionais

Marcela Calixto/Divulgação



O espetáculo revela tensões familiares sobre três gerações de mulheres no meio rural

Quando uma encomenda inesperada, vinda do exterior, surge como a chance de transformar a vida, três mulheres mergulham em uma rotina exaustiva de trabalho. Mas o maior obstáculo não é o tempo — é o silêncio que guardaram por gerações. “Doce Árido”, que estreia esta semana no Teatro Ipanema Rubens Corrêa, traz essa tensão para o palco através de Pri Helena, Rebeca Figueiredo e Layla Paganini, que vivem mãe, filha e avó responsáveis pela produção artesanal de doce de leite em uma pequena roça do interior de Minas Gerais.

Com texto e direção de Tairone Vale, o espetáculo acompanha Maria Antônia (Pri Helena), que exige dedicação total à encomenda; Maria Lúcia (Rebeca Figueiredo), dividida entre o tacho de doce e os cuidados com a recém-nascida Maria Clara; e Maria Quitéria (Layla Paganini),

a matriarca que observa tudo pelas frestas e sabe que a fragilidade dessas relações pode colocar tudo a perder. Entre as consequências de um parto complicado e a escassez que ronda a casa, mãe, filha e avó se equilibram entre o peso da tradição e o desejo de liberdade.

A montagem trabalha com uma plataforma móvel que espelha a instabilidade das relações familiares: à medida que a trama avança, o cenário tomba com o deslocamento das atrizes. A trilha sonora original,

composta por Laura Jannuzzi, evoca imagens e sensações que sublinham a aridez do ambiente. O trabalho foi apresentado pela primeira vez em 2025, em Juiz de Fora, e este ano integrou a programação do Festival de Curitiba.

Vale resgatou memórias da infância e os afetos construídos pelas matriarcas de sua família para criar essa história de ficção. “Um dos motivadores para esse trabalho foi pensar no que aconteceria se uma mulher tivesse depressão

pós-parto em um cenário isolado, rural, sem estrutura e recursos”, explica o diretor.

A dramaturgia alinha-se a estatísticas oficiais alarmantes: segundo o Censo 2022 do IBGE, 49,1% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres, que dedicam quase dez horas semanais a mais que os homens ao trabalho doméstico e de cuidado. Cerca de três em cada dez brasileiras já sofreram violência doméstica, com altos índices de estupro e feminicídio — realidade ainda

mais grave entre mulheres rurais, que enfrentam menor acesso a serviços de saúde e proteção, mobilidade restrita e isolamento.

SERVIÇO

DOCE ÁRIDO

Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824)

De 16/7 a 9/8, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h) | Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

N A R I B A L T A

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Elites em decadência

Escrita nos anos 1950, “A Moratória”, texto do paulista Jorge Andrade (1922-1984) encerra neste domingo (19) sua terceira temporada no Teatro Dulcina. A peça retrata o colapso de uma família tradicional diante da perda de status social e da incapacidade de adaptação a um mundo em transformação. Ao abordar a decadência das elites agrárias após a crise do café de 1929, a montagem com direção de Daniel Herz expõe tensões econômicas, afetivas e morais que ainda se fazem sentir na sociedade brasileira quase um século depois.

Renato Mangolin/Divulgação



Vidas reduzidas a processos

Ao dar voz às mulheres encarceradas e às profissionais que as acompanham, a Cia Amok expõe em “Incondicionais” as fissuras de um sistema que reduz vidas a processos, ao mesmo tempo em que evidencia a potência transformadora da escuta. Entre atendimentos e momentos de convivência, as internas do texto de Ana Teixeira e Stephane Brodt constroem redes frágeis de solidariedade, humor e resistência, enquanto revelam a complexa engrenagem que organiza a vida prisional. Até domingo (19) no Sesc Copacabana.

Carlos Costa/Chapeuzinho Amarelo



Jornada de superação

Adaptada da obra homônima de Chico Buarque, “Chapeuzinho Amarelo” encerra temporada neste domingo (19) na EcoVilla Ri Happy. A peça conta a saga de uma menina que vive dominada pelo medo. Incapaz de se divertir, brincar, dormir ou comer, ela teme tudo. Seu maior receio é encontrar o temido Lobo, que dizem ser capaz de devorar “duas avós, um caçador, um rei, uma princesa, sete panelas de arroz e um chapéu de sobremesa.” O espetáculo, revela a jornada da protagonista em direção à superação de seus temores.

Fotos/André Fraga/Divulgação



A instalação interativa que combina arte, tecnologia e memória afrodiaspórica

Arte e tecnologia rimam com ancestralidade

Entre algoritmos e memória, exposição de Eduardo Salvino questiona representação de pessoas negras

AFFONSO NUNES

A Baixada Fluminense recebe nesta sexta e sábado (17 e 18) duas atividades que exploram as conexões entre Brasil e diáspora africana. Um bate-papo sobre audiovisual expandido, arte e tecnologia, seguido de uma oficina de criação de jogo de tabuleiro, integram a programação da exposição “Salvíficos Movimento #2 - Fábula”, do artista multimídia Eduardo Salvino, em cartaz no Sesc Duque de Caxias.

A conversa acontece na sexta, das 14h30 às 16h30, e reúne Marção Baixada, criador da trilha sonora da exposição; Macedo Griot, contador de histórias; e os interlocutores críticos Larissa Macêdo e João Simões. O debate aborda questões de algoritmos racistas e suas implicações na representação de pessoas negras — tema central da instalação interativa concebida por Salvino. As inscrições são online e o evento é indicado para todas as idades.

No sábado, das 11h às 13h, Eduardo Salvino ministra a oficina “O que é? Adinkras”, direcionada a adolescentes acima de 12 anos (crianças a partir de 7 anos acompanhadas de responsáveis). Com 20 vagas, a atividade apresenta os símbolos Adinkras — ideogramas originários da África Ocidental — e sua importância para a cultura da diáspora africana. Cada participante confecciona dois tabuleiros



Detalhe do jogo Adinkras que desvenda ideogramas originários da África Ocidental

contendo imagens e informações dos Adinkras, além de 18 cards para fixação e nove cartas soltas com interrogação no verso para adivinhação. Com auxílio de pirógrafo, os participantes também criam estojos para guardar os componentes do jogo, que levam consigo ao final da oficina. A exposição “Salvíficos Movimento #2 - Fábula” é uma ins-

talação interativa que combina arte, tecnologia e memória afrodiaspórica. Por meio de um QR Code integrado à obra, o público acessa, pelo celular, um jogo online que utiliza inteligência artificial para propor reflexões sobre identidade, ancestralidade e os impactos dos algoritmos racistas.

“A imagem capturada não se

SERVIÇO
SALVÍFICOS MOVIMENTO #2 - FÁBULA
Sesc Duque de Caxias (Rua General Argolo, nº 47 - Jardim 25 de Agosto)
Até 23/8, de terça a sábado (9h às 16h)
Grátis

17/8, das 14h30 às 16h30: Bate-papo com os envolvidos na exposição.

18/7, das 11h às 13h: Oficina “O que é? Adinkras”.
Inscrições: <https://sl1nk.com/klurrei>

imagéticos”, destaca o artista multimídia.

A experiência se desdobra em uma narrativa audiovisual na qual cada participante percorre diferentes “reinos” inspirados em territórios históricos africanos — Angola, Congo, Malungo e Moçambique. Mineiro de Belo Horizonte radicado em São Paulo, Eduardo Salvino é doutor em Poéticas Visuais pela USP (2024) e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. A exposição atual é fruto de sua tese de doutorado intitulada “Territórios em suspensão: contexto e mediação em intervenções contracoloniais”, defendida na Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP). Trata-se de uma sequência da “Salvíficos Movimento #1 - Ensaio Mnemônico”, apresentada em 2022 também no Sesc Duque de Caxias, onde o público interagia com um jogo de arcade. A versão atual traz a imersão como ponto de partida, expandindo a temática para além do ambiente acadêmico.

A circulação do projeto é a resposta para jogos que reproduzem conteúdos racistas e criminosos. Por isso, a exposição propõe reflexões críticas sobre como a arte é produzida, divulgada e recebida pela sociedade. O trabalho de Salvino já circulou por Rio de Janeiro, Brasília e Goiás, tendo recebido o prêmio do Projeto Pulsar do Sesc em 2022 e 2026, além do prêmio Funarte de Arte Contemporânea (2014) e do 6º Salão Nacional de Arte de Goiás.

refere apenas à uma fotografia analógica, mas à parâmetros informacionais, tornada código, via inteligência artificial. Daí a importância de disponibilizar a interação com esta obra, e problematizar a insistente opressão étnica, discriminações e preconceitos, o que cria possibilidades de contrapontos à narrativa única, e, outros possíveis padrões